

95 Boletim

JAN/JUN
de 2020



Associação Filatélica e
Numismática de Brasília



Sumário

Editorial	3
Novos associados	4
Análise descritiva da peça da coroação	5
Sigilografia	9
A Pedra de Roseta e os desafios de Champollion	10
Crianças enviadas pelo correio	13
A Segunda Guerra Mundial na cartofilia	14
As exóticas moedas da Dinastia Zhou	16
A odisseia do selo pan-americano	18
O dinheiro do capeta	19
Os Arcos da Lapa	21
O Menino Azul de Alexandria	24
960 Reis e seus recunhos	26
O cartão-postal de Thasler	30
Perfil – Dr. Odílio Luiz da Silva	32
Loterofilia - Maiores valores de face	36

AFNB - Associação Filatélica e Numismática de Brasília - CNPJ 00751184/0001-21

Sede própria: SRTN Qd. 702, Bloco P, Edifício Brasília Radio Center, Sobreloja 10, CEP 70719-900, Brasília DF. Telefone: (61) 3328-8446. E-mail: afnb.bsb@gmail.com. Instagram: afnb.bsb. Blog: afnb-bsb-colecionismo.blogspot.com.

Encontros aos sábados a partir das 14 horas na sede. Anuidade para sócios correspondentes: R\$ 50,00. Anuidade para sócios efetivos: R\$ 100,00. Leilões mensais no primeiro sábado do mês.

DIRETORIA (2019-2022)

Presidente: Rubens Cavalcante Júnior. Vice-presidente: Marcello Duarte. Diretor secretário: Marcelo Lingerfelt. Diretor tesoureiro: Geraldo Magela. Diretor social: Lengruber Damasceno. Diretor de acervo: Ricardo Eckstein. Diretor de publicações: Jorge Lara. CONSELHO FISCAL. Titulares: Gilson Lopes Cavalcanti, Claudio Girad, Lauro Guimarães Corrêa. Suplentes: Adelino Oliveira, João Marcelo Braggio.

BOLETIM DA AFNB

Publicação semestral, ISSN 1980-9441, com a tiragem de 1.000 exemplares, enviada aos sócios da AFNB, clubes que reúnem colecionadores em geral e entidades oficiais em todo o Brasil. Direção e edição: Jorge Lara, SQS 307, Bloco A, Apto. 206, Asa Sul, 70354-010, Brasília DF. As opiniões e artigos são de responsabilidade dos autores.

Caros amigos e associados, quando redigimos nosso último editorial fizemos uma retrospectiva do realizado no ano de 2019 e expusemos alguns projetos para o ano que então se iniciava – e claro, como todo o mundo, não podíamos imaginar os rumos que 2020 forçosamente nos levaria a tomar.

Com o advento da pandemia de Covid-19, tomamos rapidamente a iniciativa de suspender nossos tradicionais encontros de sábado, em alinhamento com as recomendações sanitárias e considerando, acima

de tudo, a saúde de nossos associados. Pouco tempo depois, o próprio espaço comercial em que fica a sede da AFNB também foi fechado por determinação do governo local.

Todo esse cenário nos levou a reavaliar ou suspender algumas iniciativas previstas, como a organização da sobreloja da sede, iniciada em fevereiro. Até mesmo a emissão das carteirinhas atuali-

zadas dos associados precisou ser interrompida – primeiro pela quebra da máquina de plastificação e, depois de comprada uma nova, pela impossibilidade de uso da sede.

Este ano marca também o Jubileu de Prata de nossa AFNB. Com seus 25 anos completados no dia 21 de abril, estava planejada uma homenagem em sessão solene na Câmara Legislativa do Distrito Federal, que foi inviabilizada. Ficou em suspenso também o projeto de confecção de medalhas comemorativas da data.

Nestes tempos em que o distanciamento físico se faz necessário, esperamos que esse boletim proporcione bons momentos de saudável leitura e uma renovação de nossa conexão com nossos associados. Esperamos que, em breve, possamos voltar a nos reencontrar com tranquilidade e segurança. Nossos votos de que todos fiquem bem e continuem cuidando do mais importante – a saúde de cada um! 



NOVOS ASSOCIADOS

1º Semestre 2018 (complemento)

Angelo Albertini do Amaral / SC-1552 / Botucatu / SP

Bruno Henrique Minuichi Pellizzari / SC-1535 / São Paulo / SP

Fernando Binda Bezerra / SC-1553 / Vitória / ES

1º semestre de 2019

Gilberto Cavallini Bailão / SE-1555 / Brasília / DF

Heddy Leontinus Vieira de Sousa / SC-1579 / Currais Novos / CE

João Carlos Candido Teixeira / SC-1549 / Igarapé / MG

Maria Eduarda Azevedo Ramos da Silva / SJ-1557 / Brasília / DF

Telma Cristina Soares Ceolin / SE-1558 / Brasília / DF

Zoltan Eduard Soly Mossy / SE-1556 / Brasília / DF

Edimario Alves de Oliveira / SE-1559 / Brasília / DF

Emerson Fernando de Rezende Pippi / SC-1560 / Curitiba / PR

2º semestre de 2019

Nelson de Almeida Silva / SE-1561 / Brasília / DF

Júlia Legentil Ferreira Faria / SJ-1562 / Brasília / DF

Miguel Legentil Ferreira Faria / SJ-1563 / Brasília / DF

Jorge Luiz Gonçalves / SE-1564 / Brasília / DF

Arthur Romero Araujo da Silva / SE-1565 / Brasília / DF

José Roberto Angelo Barros Soares / SE-1566 / Brasília / DF

José Borges Filho / SC-1567 / Luziânia / GO

Gisele Silva de Jesus Pacheco / SC-1568 / Taboão da Serra / SP

1º semestre de 2020

Fernando dos Reis / SE-1570 / Brasília / DF

Mauro Ricardo Correia / SE-1569 / Brasília / DF

Paulo Pinto da Silva / SC-1571 / Campinas / SP

Luiz Antonio Marques / SE-1572 / Brasília / DF

Henrique Costa Braga / SC-1573 / Montes Claros / MG

Armindo Felisberto Gonçalves / SC-1574 / Ferraz de Vasconcelos / MG

Ataualpa Inca Rezende / SC-1575 / São Miguel do Passa Quatro / GO

Celso Moreira Ferro Júnior / SE-1576 / Brasília / DF

Rozeni da Silva Souza / SE-1577 / Brasília / DF

André Luiz de Castro Padilha da Silva / SC-1578 / Rio de Janeiro / RJ

ANÁLISE DESCRITIVA DA PEÇA DA COROAÇÃO

5

Boletim

André Luiz de Castro Padilha - NC

A Peça da Coroação possui esse nome, pois foi cunhada para comemorar a Coroação de D. Pedro I como o primeiro Imperador do Brasil independente, sendo então, a primeira moeda cunhada no Brasil após sua independência de Portugal. Então, no dia 1º de dezembro de 1822, curiosamente no dia do numismata, foram cunhadas moedas destinadas ao óbulo, parte de uma tradição que os Reis portugueses cumpriam ao enviar donativos a Igreja no dia de sua coroação.

Cunhada em ouro, no valor de 6.400 Réis, é considerada atualmente a moeda mais valorizada na numária brasileira, o que muitas das vezes se confunde com raridade, uma analogia incorreta já que a peça da coroação possui 16 exemplares conhecidos, enquanto a peça “o Índio”, possui apenas 2 exemplares. Uma informação raramente divulgada nos meios numismáticos é que são conhecidos até o momento somente dois ensaios em cobre da Peça da Coroação. Embora menos valiosos, estes ensaios são muito mais raros que a própria moeda, estando um presente no acervo do Museu Histórico Nacional.

Após a extraordinária venda que Heritage Auctions fez em 2014, podemos ver o real valor desta peça. Antes, seu preço médio de avaliação circulava perto dos US\$200 mil dólares, hoje, seu preço de mercado já é apresentado entre US\$500 e US\$750 mil dólares por diversos colecionadores e especialistas. O Curioso é que o recorde de vendas da Heritage foi justamente alcançado no ano da venda da peça da coroação, quando a leiloeira

vendeu cerca de US\$969 milhões de dólares, um recorde para qualquer empresa de colecionáveis.

Tal preciosidade foi cunhada na Casa da Moeda do Rio de Janeiro e o anverso é assinado pelo escultor, gravurista e professor franco-brasileiro Zéphyrin Ferrez, nascido em 1797 na França e falecido em 1851 no Rio de Janeiro. Além da peça da coroação, foi assinada por ele a decoração de algumas ruas, avenidas e praças da cidade do Rio de Janeiro, a primeira medalha projetada e cunhada do Brasil, para a aclamação de D. João VI, em 1920 e foi responsável pela medalha de matrimônio entre D. Pedro II e Dona Teresa Cristina em 1842. Uma outra obra de Ferrez foi um pórtico projetado em granito e mármore, onde se destacam os ornamentos em terracota, hoje expostos no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, mas que foram originalmente construídos para a fachada do edifício da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, contudo seu prédio foi demolido no ano de 1938.

Já o reverso é atribuído a Tomé Joaquim da Silva Veiga, mestre de gravura da Casa da Moeda à época, ao qual infelizmente não temos muitas informações sobre. Em um dos anais do Museu Histórico Nacional, de número VI, em 1945, descreve Veiga como “considerado o melhor gravador no Brasil Reino”, e claro, somos obrigados a confirmar tal informação, uma vez que se realmente não fosse um gravador excepcional, não teria sido convidado para cunhar uma peça de tanta importância.

É sabido que, somente 64 peças foram cunhadas, pois o Imperador D. Pedro I mandou suspender o projeto por estar em desacordo com algumas questões, por exemplo, a efígie do Imperador, com o busto nu e com a coroa de louros a cabeça, muito parecido com perfil numismático dos Imperadores Romanos, Dom Pedro I teria sentido a ausência de seus trajes militares e suas medalhas presentes na moeda, também não teria aprovado a omissão das legendas “CONSTITUCIONALIS” (constitucional) e do complemento “ET PERPETUUS BRASILIAE DEFENSOR” (e perpétuo defensor do Brasil), o que em sua visão, poderia pressupor um desejo de poder absolutista. Por esses “erros”, os sessenta e quatro exemplares deveriam ter sido tirados de circulação.

Muitos mapeamentos desta peça podem ser encontrados em anais de entidades numismáticas ou de museus, mas muitos nomes não são identificados, acredito eu que por questões de segurança, entendo perfeitamente. Por isso, não iremos reproduzir tais listas, pois não podemos afirmar com certeza se estão atualizadas ou se são efetivamente autênticas.

Contudo, podemos citar com tranquilidade alguns conhecidos nomes que já possuíram uma peça da coroação em sua coleção particular, nomes estes como Julius Meili, Augusto de Souza Lobo, Guilherme Guinle, Roberto Vilela Lemos Monteiro, R. Pagliari, Alves de Araújo Ramos e Louis Eliasberg.

Hans Kochmann, no boletim de número 29 da Sociedade Numismática do Brasil, publicado originalmente em janeiro de 1969, descreve a peça da seguinte forma:

a) Área do averso: No centro do campo, a efígie do Imperador D. Pedro

I, de perfil à esquerda (visto de frente), laureada e nua (sem uniforme), encimada ao número da era 1822 e a letra monetária R, sigla da Casa da Moeda



do Rio de Janeiro; entre 03 cruzetas assim distribuídas: +1822+R+. Colocada junto à orla, a inscrição (legenda) titular: PETRUS PRIMUS DEI GRATIA BRASILIAE IMPERATOR (Pedro Primeiro pela Graça de Deus Imperador do Brasil) da seguinte forma: PETRUS.I.D.G.BRASILIAE.IMPERATOR. A inscrição Z. FERREZ (Zeferino Ferrez, 1797-1851, gravador e abridor de cunhos da Casa da Moeda do Rio de Janeiro) em baixo relevo, é aposta na parte ovalada do corte do busto imperial. Limitando o campo, junto à orla, um círculo de pequenos traços de ornamentação e segurança, traçados do campo em direção ao bordo da área da espessura.

b) Área do reverso: No centro do campo, o escudo das armas imperiais brasileiras, do desenho primitivo, com a coroa real portuguesa (forrada), tendo a inscrição: IN HOC SIGNO VINCES (Com este sinal vencerás) dentro do escudo da seguinte forma: IN HOC SIG VIN, legenda esta, abreviada e dividida pelos braços da Cruz de Cristo. (O brasão imperial brasileiro foi posteriormente modificado e já em 1823, foi a coroa real portuguesa substituída pela coroa imperial brasileira e a legenda heráldica IN HOC SIG VIN retirada do centro

do escudo de armas). O escudo é colocado entre um ramo de café à esquerda



e um ramo de tabaco à direita, apresentando na parte inferior na junção de ambos, o Laço Nacional. Limitando o campo, junto à orla, um círculo de pequenos traços de ornamentação e segurança, traçados do campo em direção ao bordo da área de espessura. A “PEÇA DA COROÇÃO” não indica seu valor nominal.

c) Área da espessura: Escama (serilha) de segurança, também denominada “escama de peixe” ou “serilha flor de lis”.

d) Ângulo: O ângulo, do anverso para o reverso é de 350 graus, portanto ligeiramente inclinado.

e) Diâmetro: Tratando-se de cunhagem efetuada em prensa monetária manual (balancim), poderão aparecer exemplares legítimos com pequenas variações de diâmetro. O diâmetro aproximado da “PEÇA DA COROÇÃO” é de 32,2 milímetros.

f) Peso (bruto): O peso oficial é de 4 oitavas = 14,342 gramas, havendo pequenas tolerâncias entre 14,1 e 14,6 gramas.

g) Título: 916 2/3 milésimos = 22 quilates.

h) Cunhagem oficial: Rs. 409\$600 (Quatrocentos e nove mil e seiscentos réis) = 64 exemplares.

O Numismata Giovanni Miceli Puperi, publicou em seu artigo “Análise descritiva da Peça de Coroação” em 07 de setembro de 2016, um excelente trabalho com o intuito de criar um registro dos mais diversos detalhes desta moeda para facilitar a diferenciação de peças falsas e originais, apesar de ser uma peça tão icônica da numismática nacional temos registros de falsificações no mercado internacional e não desejamos que nenhum de nossos leitores sejam enganados, por isso apresentaremos aqui uma lista contendo 8 itens para identificação do anverso e 7 itens para identificação do reverso:



1 - Campo: Irregularidade no campo à esquerda do pescoço e da testa da Efigie;

2 - 1822: Parte inferior do 8 levemente menor que a superior;

3 - PETRUS: Leve sombra abaixo da parte superior do S;

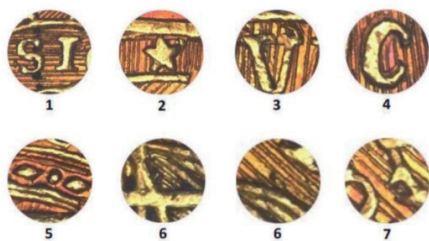
4 - BRASILIE: Pequeno traço à esquerda da serifa superior do A;

5 - BRASILIE: Pequenos traços paralelos às pernas do A saem das serifas inferiores à esquerda das pernas;

6 - IMPERATOR: Falha na ligação entre a perna direita do M e a parte central;

7 - IMPERATOR: A com leve sombra à esquerda da perna direita;

8 - D·G: Pontículos entre o ponto mediano e o G.



3 - VIN(CES): Tracículo acima da serifa direita do V;

4 - HOC: C sombreado;

5 - Diadema: Concavidade abaixo dos losangos direitos;

6 - Esfera armilar: Pontículos: Acima do contorno direito, próximo ao I (do “IN”); acima do círculo polar norte e encostando no coluro interno direito;

7 - Esfera armilar: Tracículo apontando para o G de SIG e saindo do contorno esquerdo da esfera, entre o círculo polar sul e o trópico sul.

Atualmente, como anteriormente dito, temos conhecimento da existência de 16 exemplares, das 64 peças cunhadas, dentre elas, algumas estão em exposição pública, para que possamos ao menos apreciar uma moeda que a maioria absoluta dos colecionadores nunca poderão ter em suas coleções. Em Portugal, na cidade de Lisboa, temos uma peça exposta no Museu Numismático Português. Aqui no Brasil possuímos exposições abertas em quatro locais, no Rio de Janeiro, verdadeiro berço desta peça, temos exposição no Centro Cultural do Banco do Brasil e no Museu Histórico Nacional. Em São Paulo, podemos ter acesso no Museu Numismático Herculanô Pires e em Brasília temos um exemplar a disposição do público no Museu de Valores do Banco Central.

Para conhecimento de nossos leitores, temos registrado publicamente alguns leilões da peça da coroação, ao

qual daremos destaque para 5 destes. A Spink and Son, uma casa de leilão localizada em Londres, no Reino Unido e fundada no ano de 1666 possui registros de 3 vendas, sendo um exemplar SOB vendido por US\$87 mil dólares no ano de 1986, um exemplar MBC vendido por US\$85,5 mil dólares no ano de 1997 e um exemplar MBC vendido por US\$69 mil dólares em 2015. Já a tão conhecida no meio numismático, Heritage Auctions, fundada em 1976 no Texas, Estados Unidos da América, possui duas vendas registradas, sendo estas as de maiores valores expressivos no mercado numismático mundial, a primeira em 2012 foi vendido um exemplar MBC por US\$138.000,00 dólares e a de maior valor econômico de todos os tempos foi vendida por exatos US\$499.375,00 dólares em 2014, para total noção deste valor, se convertêssemos para a média atual do dólar de R\$3,95 (cotação do dólar no dia 06/10/2018), chegaríamos a um valor, em reais, de R\$1.916.551,31.

Não posso dizer que a peça da coroação é a mais cobiçada dos colecionadores brasileiros, pois entendendo nossas limitações financeiras, combinados ao valor extraordinário da peça, tanto comercial quanto cultural, sabemos que esta peça é apenas uma preciosidade digna de um museu, ao qual meros mortais como nós, não somos de fato merecedores.

Para citar este texto:

PADILHA, André Luiz de Castro. Análise descritiva da peça da coroação.

Portal Numismáticos - Numismática Castro, outubro 2018. Disponível em: <https://numismaticos.com.br/analise-peca-da-coroacao/>

Yuri Victorino - CEMIP

Palavra para muitos desconhecida e que nada mais é do que o estudo descritivo do selo. Selo não o selo filatélico, aquele dos correios, mas o selo carimbo, marca de propriedade individual. Este existe a bem dizer desde que o mundo é mundo.



O uso do selo vem desde a mais alta antiguidade porém, foi realmente na Idade Média que alcançou sua força preponderante. Compreende-se perfeitamente a utilidade de seu uso, pois, em época em que o saber ler e escrever era privilégio de tão poucos, a necessidade de uma marca pessoal torna-se imprescindível.



Podemos dizer que o selo foi durante largo tempo, o testemunho não

só dos direitos como de presença individual. em poucas palavras diremos, se nos permitem a expressão, – o selo foi a carteira de identidade da época.

A Sigilografia é, portanto, uma ciência que os historiadores, museólogos, arquivistas, paleógrafos e pessoas ligadas de alguma maneira com a memória e informação, não devem desprezar. A pena é privar de informações ocultas nos signos e símbolos presentes nestes objetos.



O CEMIP - Centro de Memória e Informação Pessoal, adquiriu uma grande coleção de selos lacres usados em documentos e correspondências. Estamos estudando e acondicionando as peças que em breve estarão disponíveis para a pesquisa e visualização no site da instituição. As imagens disponibilizadas aqui são dos primeiros selos já acondicionados e em processo de descrição. Você pode acessar as informações da coleção no site da instituição através do endereço eletrônico:

<http://cemip.adb.inf.br>

A PEDRA DE ROSETA E OS DESAFIOS DE CHAMPOLLION

Pedro Brasil Jr. - Jornal do Colecionador

Descobrir o novo tem sido o maior dos desafios para a humanidade e durante o século vinte tivemos uma aceleração no tan- gente às descobertas que culminaram, em nossos dias, com toda essa fantástica tecnologia que encurtou distâncias, aproximou pessoas, esmiuçou segredos da medicina e que nos tem levado a descobrir, em galáxias vizinhas, novos planetas, muitos destes com a possibilidade de manter seres vivos. Não poderíamos estar a sós na imensidão do universo e para se chegar a algumas conclusões a esse respeito, a ciência tem buscado no passado algumas respostas para o futuro. Se a gente voltar para o interior das cavernas, onde nossos ancestrais moravam, vamos encontrar muitas expressões de suas atividades em desenhos rupestres que deram início à escrita e a comunicação. Aprofundar neste complexo segmento da nossa história foi e continua a ser um grande desafio, que ao longo de séculos tem provocado os maiores e mais dedicados estudiosos e renomados cientistas.



Cada nova descoberta então já feita, contribuiu de forma decisiva para nossa evolução em todos os sentidos. Muito do que já foi descoberto nos dá

a certeza de que num passado distante por aqui estiveram seres de outros planetas que de alguma maneira deixaram sinais para que no futuro o homem pudesse encarar o desafio de desvendar isso tudo. Apesar dos avanços, ainda estamos rodeados de perguntas sem respostas, a começar por nossa própria origem, que insiste em questionar quem na verdade somos, de onde viemos e para onde iremos quando o caos tomar conta do planeta. Inscrições milenares nos contam um pouco do que foi e do que fez o homem do passado e a cada nova descoberta, sejam inscrições, tesouros ou sarcófagos no Egito, voltamos a buscar referências mais precisas para tentar desvendar uma série de mistérios.



Viver o antigo ou se ter uma certa paixão por ele nos leva a crer que de fato vivemos em outras épocas e não é à toa que os antigos egípcios já tivessem essa crença e, para tanto, adotavam o ritual de mumificação. Como se observa, a questão dos desenhos nas cavernas, do surgimento da escrita, de intrigantes objetos descobertos assim como cidades de antigas e extintas civilizações

podem nos abrir interessantes leques no que diz respeito à filatelia e seus registros em tudo o que diz respeito à história antiga do homem. Dentro desse contexto se encontra a interessante Pedra de Roseta (descoberta em 1799), um pedaço de basalto negro gravado em três línguas, em 196 a.C, e depois amaldiçoado pelos sacerdotes egípcios. Sabe-se que a famosa pedra foi gravada e erigida na cidade de Rashid, atualmente conhecida como Rosetta e, ao redor dela reside uma história de acidentes, de desafios para decifrar as escritas e, ainda hoje, de algumas intrigas entre os governos da Inglaterra e do Egito por sua posse. A Pedra de Roseta se encontra no Museu Britânico desde 1801 e é uma das peças mais visitadas, tendo a mesma 114,4 cm de altura em seu ponto mais alto, 72,3 cm de largura e 27,9 cm de espessura.



A pedra pesa aproximadamente 760 quilos e traz três inscrições, sendo a do topo em hieróglifos egípcios, a segunda na escrita demótica egípcia e a terceira em grego antigo.

Coube primeiramente ao doutor Thomas Young (1773-1829) a incumbência de decifrar as inscrições da Pedra de Roseta. Professor de filosofia natural, médico e egiptólogo, Young falava 14 línguas e dominava a física, os clássicos, a história e ficou marcado na história por seus trabalhos em óptica, onde ele explica o fenômeno da inter-

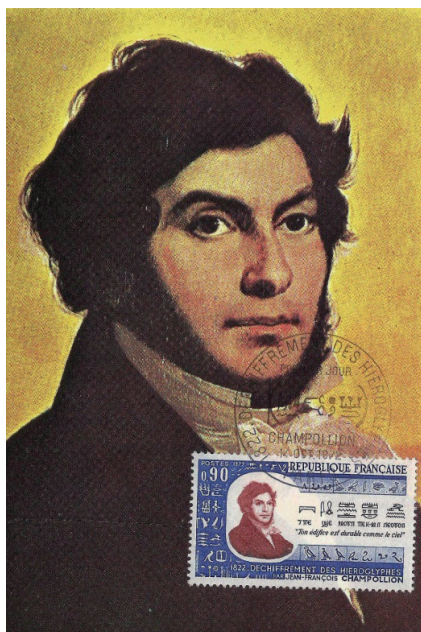
ferência em mecânica pela definição do módulo de Young. Em seu tempo, era chamado de “o homem que tudo sabe”. Mas a Pedra de Roseta iria exigir muito mais conhecimentos e mais tarde, o francês Jean-François Champollion (1790-1832) foi quem finalmente decifrou a escrita da Pedra de Roseta e passou a ser considerado o pai da egiptologia.



Mas para chegar a tal conquista, Champollion teve que viver uma incrível aventura de vida. Nascido no departamento de Lot, na França, ainda criança mostrou um extraordinário talento linguístico. Aos 16 anos dominava uma dúzia de línguas, e com vinte anos dominava o latim, grego, hebreu, amárico, sânscrito, avestan, pahlavi, árabe, siríaco, caldeu, persa e chinês, sem contar o francês. Estudou com Antoine-Isaac Silvestre de Sacy e em 1809 já se tornava professor de história em Grenoble. Mas Champollion só chegaria até onde chegou por mistérios que estão além da vida terrena. Conta-se que antes do seu nascimento, sua genitora, acometida de paralisia e desenganada pelos médicos de então, foi à procura de um curandeiro, o qual lhe disse que, além de se recuperar, ainda daria luz a um menino cuja fama, no futuro, atravessaria fronteiras.

Ele nasceu no 23 de dezembro de 1790 e de imediato chamou a atenção pela pele escura, a córnea dos olhos

amarela e a face com feição predominantemente oriental, acontecimento excepcional, porquanto nascera no sudoeste da França, em uma região notadamente de origem ariana. Diante disso, a partir dos dez anos de idade, era chamado de “O Egípcio”, não somente pelo aspecto físico, semelhante a um oriental, como igualmente por devotar profunda identidade com as coisas do Antigo Egito, até mesmo estudando línguas mortas, em uma época dedicada as armas.



Naquele tempo, o famoso físico e matemático Fourier, participando de uma expedição científica ao Egito, organizada e chefiada por Napoleão Bonaparte, trouxe importante coleção constituída de fragmentos de papiros e inscrições hieróglifas em pedras. Convidado a expor seus conhecimentos na escola onde estudava Champollion, o sábio francês foi questionado persistentemente pelo menino, a ponto de Fourier convidá-lo para conhecer seu

importante material. Foi à casa do cientista e, emocionado, observou as vetustas inscrições. De imediato perguntou: “Pode-se ler isso?” Devido a negativa do sábio, o garoto afirmou: “Eu os lerei! Dentro de alguns anos eu os lerei! Quando for grande!” A partir daquele momento dava início a uma determinação sem precedentes em Champollion que agora, podia ter ao menos a convicção de que um dia já vivera nas terras do Nilo.

Seguiram-se anos de muitos estudos e pesquisas e ficou tão inteirado sobre o Egito que seria capaz de conhecer a região bem melhor do que os que lá viviam então. Aos 38 anos surge a oportunidade de pisar naquele solo tão conhecido e ver com os próprios olhos o que já pudera observar numa existência passada. Seu aspecto era de um nativo do país, vestindo-se a caráter, com a aparência natural de um árabe, dominando por completo a língua atual e os hieróglifos. Ao analisar a Pedra de Roseta, ele foi o primeiro a definir com exatidão que seu texto intermediário estava grafado em demótico e foi preciso esmiuçar durante aquela expedição outros pontos do Egito, monumentos e inscrições variadas até que pudessem realmente chegar a uma conclusão plausível que o levaria mais tarde a decifrar a escrita da famosa pedra.

Por seus esforços, seus estudos e pesquisas e pelo profundo conhecimento do Egito, Champollion, falecido em 4 de março de 1832, passou a ser considerado o Pai da egiptologia, aquele que veio ao mundo com a sublime e difícil missão de ressuscitar o pensamento da estranha e mística civilização egípcia, permitindo-nos perceber, no presente, o eco das vozes dos antigos habitantes do Nilo, gravadas nos hieróglifos.

CRIANÇAS ENVIADAS PELO CORREIO

13

Boletim

History Channel

A criação do serviço de encomendas no início do século XX nos EUA teve uma consequência surpreendente: pais enviaram filhos pelo correio.

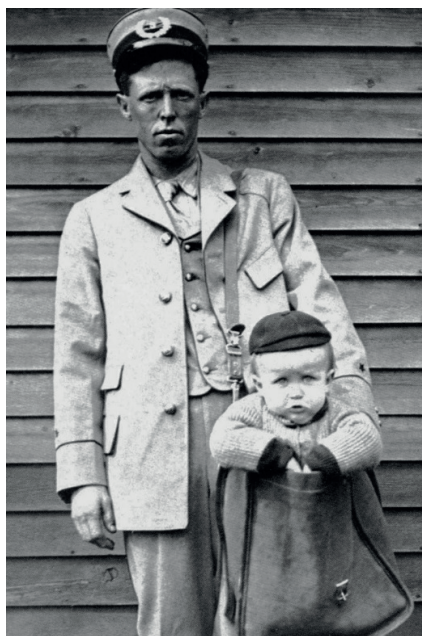


Enviar bebês e crianças pelo correio como uma encomenda aos avós ou outros parentes era muito mais barato para os pais do que pagar uma viagem de trem. Não tardou muito e algumas histórias começaram a pipocar nos jornais da época, com crianças com endereços do remetente e destinatário costurados na roupa.

Este foi o caso de um casal de Ohio, chamado Jesse e Mathilda Beagle, que enviou o filho de 8 meses de idade para a avó, que vivia a apenas alguns quilômetros de distância, em Batavia. A entrega do bebê custou apenas 15 centavos em selos aos seus pais, que

também fizeram um seguro de US\$ 50 pela encomenda. A história ganhou os jornais e não seria a única.

Um caso famoso ocorreu em 19 de fevereiro de 1914, quando uma menina de quatro anos, Charlotte Maio Pierstorff, foi enviada de trem de sua casa em Grangeville, Idaho, aos avós, a cerca de 120 quilômetros. Sua história ficou tão lendária que foi transformada no conto infantil “Mailing May”.

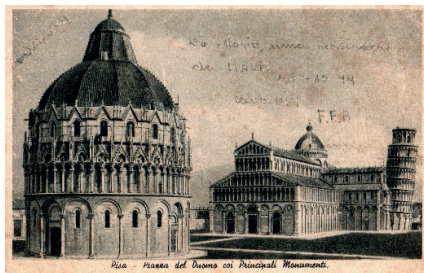


Finalmente, em 14 de junho de 1913, vários jornais, incluindo o Washington Post, o New York Times e o Los Angeles Times publicaram em suas páginas que crianças não poderiam mais ser enviadas pelo correio.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA CARTOFILIA

José Carlos Daltozo* - AFNB

A Exércitos russos avançando pelo Leste, aliados já tendo conquistado a Sicília e partes da Itália, esse era o teatro de operações da Segunda Guerra Mundial no começo de 1944. Mas para derrotar a Alemanha faltava aos exércitos aliados um flanco ao norte e o local escolhido para um desembarque maciço de tropas foi o litoral da Normandia, na França. Milhares de aviões e paraquedistas, cerca de 7.000 navios de todos os tipos e tamanhos e 156 mil soldados participaram da grande operação, desembarcando em cinco praias simultaneamente, no norte do território francês, no que foi chamado Dia D, 06 de junho de 1944.

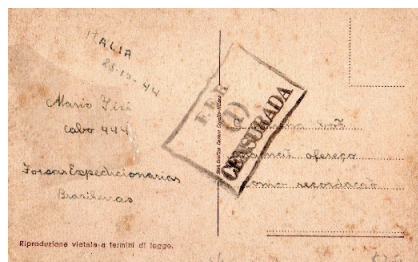


Frente de postal de PISA, enviado por um cabo em 25.10.1944

Após o desembarque e o rápido avanço das tropas aliadas, Paris foi reconquistada em 25 de agosto de 1944, a cidade estava nas mãos dos alemães desde 1940. Em pouco tempo, os aliados chegaram na fronteira com a Alemanha. Do outro lado, o exército da União Soviética castigava os soldados alemães e reconquistava vários países.

Mas Hitler na desistia, queria combate até o último soldado alemão. Tentou ainda uma última cartada, que

resultou em uma das batalhas mais sangrentas da Segunda Guerra, a Batalha das Ardenas. Ela ocorreu entre dezembro de 1944 e janeiro de 1945, nas fronteiras entre a França, Bélgica e Alemanha. Os alemães tinham 300 mil soldados, mas os aliados em maior número e melhores equipamentos, conseguiram detê-los.



Verso de postal de PISA, com carimbo FEB – CENSURADO

A Segunda Guerra Mundial, que havia começado em 01 de setembro de 1939 com a invasão alemã da Polônia, chegou ao seu final na Europa, com a rendição alemã assinada em 8 de maio de 1945. Hitler suicidou-se dias antes, em um bunker alemão em Berlim, quando as tropas soviéticas estavam chegando às portas da cidade.



Verso de postal de 1942, selo alemão com rosto do Hitler

No lado dos aliados, vários países colaboraram enviando tropas, inclusive o Brasil, que enviou 25.445 soldados em 1944, lutando e conquistando algumas localidades do norte da Itália, contra soldados alemães. As batalhas mais significativas foram a conquista de Monte Castelo em 22 de fevereiro de 1945 e Montese, em 14 de abril de 1945. O final da luta ocorreu em 02 de maio de 1945, quando as tropas alemãs na Itália se renderam e declararam o cessar fogo. A FEB – Força Expedicionária Brasileira contou 443 mortes e cerca de 3.000 feridos e logo após o final do conflito, retornou ao Brasil, o primeiro escalão desembarcou no Rio de Janeiro em 18 de julho de 1945. O Brasil foi o único país sul americano a enviar tropas para lutar ao lado dos aliados.



*Verso de postal de 1941 – Carimbo Feldpost
(Correio Militar Alemão)*

Mesmo terminada na Europa, a guerra continuou no Oceano Pacífico, os norte-americanos lutavam contra os japoneses e, com muito sacrifício de vidas e equipamentos, ia reconquistando várias ilhas e países asiáticos antes dominados pelo exército japonês. Os bombardeios aéreos sobre cidades japonesas e sobre Tóquio eram diários e de grande proporção. Prevvia-se uma invasão do território japonês no começo do segundo semestre de 1945, o que significaria milhões de soldados mortos, de ambos os lados. Mas em 06 de

agosto de 1945 foi lançada a primeira bomba atômica da história, destruindo completamente a cidade de Hiroshima. Três dias depois, em 09 de agosto de 1945, outra bomba foi lançada sobre Nagasaki. Nas duas cidades, cerca de duzentos mil civis morreram.



Berlin – Reichstag destruído em 1945

Finalmente o Japão se rendeu, a assinatura da rendição incondicional foi a bordo de um navio, na Baía de Tóquio, em 02 de setembro de 1945. Estava terminado o mais sangrento conflito da história da humanidade, que envolveu dezenas de países. Calcula-se que 85 milhões de pessoas perderam a vida, dentre eles cerca de 50 milhões eram civis, incluindo os 6 milhões judeus que morreram nos guetos e campos de concentração.

Na cartofilia (coleccionismo de cartões-postais) podemos encontrar vários exemplares de postais daquela época. São postais que mostram cenas de batalhas, ou prédios em ruínas bombardeados pela aviação, também carimbos de censura no verso de alguns exemplares, ou postais com selos do rosto de Hitler, entre outros aspectos.

(*) *José Carlos Daltozo, jornalista e historiador, com 12 livros publicados, é colecionador de cartões-postais há 32 anos, tendo atualmente acervo de mais de 230.000 exemplares do mundo inteiro na coleção. Reside em Martinópolis-SP. E-mail: jcdaltozo@uol.com.br*

AS EXÓTICAS MOEDAS DA DINASTIA ZHOU

Hélio Parron Ferrara - AFNB

O histórico do uso de moedas na China é milenar. Os chineses, antes do ano 1000 a.C., já praticavam o escambo de produtos variados, incluindo metais, contudo já era notório o uso de conchas (caurís), como padrão para transações comerciais, caracterizando assim os primórdios do uso de moedas entre aqueles povos.



A dinastia Zhou, por sua vez, se notabilizou sobremaneira pela inovação e criatividade no uso de objetos como padrão para o intercâmbio entre mercadorias. Foi em 1045 a.C. que os Zhou, da China ocidental, derrubaram a dinastia Shang, assumindo assim o poder e criando ali sua própria dinastia, que permaneceria até 256 a.C. Eles foram os primeiros a atribuírem a si próprios um “mandato celestial”, já que criam ser seu líder o “filho do céu”.

Os Zhou, a exemplo dos Shang, eram constituídos de aristocratas e plebeus, com um diferencial, a classe escrava. Controlavam algumas partes do norte da China e era dividida em estados liderados por um governador local, obediente obviamente à autoridade central.

Em 771 a.C. os Zhou foram invadidos pelos bárbaros e fugiram para o leste iniciando o período Zhou Orien-

tal. Época esta em que a capacidade artística e técnica dos artesãos do bronze atingiria o seu apogeu. É dessa época também o surgimento de grandes pensadores, como Confúcio e Lao-Tsé, bem como o advento do I Ching.

A partir daí suas cidades cresceram e os mercadores preferiam cada vez mais os padrões monetários metálicos, em detrimento dos escambos. Portanto, foi em fins do século VII e início do século VI a.C., quando os estados rivalizavam entre si, que os líderes do estado de Zhou, inventaram, pois, as moedas metálicas.



Ainda que totalmente alheias às moedas da Lídia e Jônia no oriente médio, tinham, sim, as mesmas características destas, ou seja, constituir unidades de metal de modo padronizado e de aceitação geral.

Não obstante as semelhanças, se diferenciavam sobremaneira no tocante ao formato, pois no caso dos Zhou, imitavam objetos utilitários como pás e facas.



Outra grande diferença era a forma de fabricação. Enquanto no oriente médio se cunhavam moedas, na China elas eram fundidas em moldes.



A partir do ano 475 a.C. vários outros estados da dinastia Zhou, como o Zhao, Wei e Chu, emitiriam também suas unidades monetárias fundidas em bronze, incluindo aí o formato de cauri.



Essas peças circularam com funções especificamente monetárias.

Somente no século III a.C. é que começariam a fundir moedas em formato de discos, com um furo “quadrado” no meio.



Esse novo padrão seria posteriormente imitado por países como Japão, Vietnam e Coréia.



Com o aumento das rivalidades entre os estados e o consequente enfraquecimento do poder central, a dinastia Zhou encontraria seu fim no ano 256 a.C. quando foi dividida em sete grandes estados.

Qin Shi Huang Di, do reino de Qin, no ano de 221 a.C., unificaria a China e se tornaria seu primeiro imperador. Ele se notabilizaria por iniciar a construção da Muralha da China e pelos 8.000 soldados em tamanho natural de seu Exército de terracota.

Não obstante o seu esfacelamento, a dinastia Zhou foi a mais longa da história chinesa. É célebre não só pela invenção da moeda, mas também pelo início da era do Ferro naquela região.



A ODISSÉIA DO SELO PAN-AMERICANO

José Luiz Peron - AFNB

A Data de 1909, a celeuma em torno da validade do porte externo do selo “Próceres Pan-Americanos”, lançado em setembro daquele ano.



Apresentava a figura de sete heróis da independência dos principais países da América – José Bonifácio/Brasil, San Martín/Argentina, Miguel Hidalgo/México, George Washington Estados Unidos, Bernardo O’Higgins/Chile, Simón Bolívar/Colômbia e Venezuela – e uma efígie alegórica de mulher representando o regime político das Américas. Impreso em azul e no valor de 200 réis, houve dúvidas quanto ao seu uso de franquia exclusivo para as Américas, em face do disposto no art. 1º da Convenção da UPU de 1897, que regulava o porte das correspondências internacionais. Adiante e por fim sustada a sua circulação no porte pan-americano, esse selo só foi usado como ordinário no porte interno,

mediante autorização da Diretoria-Geral dos Correios, pela Circular nº 66, de 23 de setembro de 1909.

Da tiragem de 6.000.000 desses selos restava ainda nos Correios um saldo de estoque de 1.554.195 exemplares sobrestampados “EXPRESSO” e revalorizados para 1.000 réis, a nova taxa para o novo serviço, em 21 de novembro de 1930.



Este foi o único selo no Brasil para o serviço de correspondência expressa, o que demonstra que a modalidade de carta para entrega rápida como os telegramas não vingou no país, uma vez que as dificuldades dos Correios e Telégrafos para a entrega ágil de telegramas eram muitas. Não compensava o pagamento de preço mais elevado para a entrega expressa de cartas, na velocidade da entrega dos telegramas, tendo em vista que os telegramas muitas vezes eram entregues na velocidade das cartas.

Hélio Parron Ferrara - AFNB

São cédulas muito interessantes, e que trazem em geral uma configuração padrão do sistema monetário em uso no planeta. Sejam pelos números de série, efígie, temática e valores variados, alguns inclusive, extremamente extravagantes. O tamanho das peças também é altamente variado. Essas singulares emissões, cuja unidade monetária é basicamente o dólar, são fabricadas ao longo de todo o ano e lastreadas pelo Banco do Inferno (Hell Bank).



Nos anais da história oficial, foi na China, por volta do ano 105 d.C., a invenção do papel, feita por Cai Lun, alto funcionário da dinastia Han. Todavia, pesquisas arqueológicas dão conta do uso do papel desde a metade do segundo milênio a.C.



Por volta do oitavo século da nossa era, os chineses, por conta de uma acentuada escassez de cobre, criaram o sistema monetário representativo, feito em

papel e sem seu valor intrínseco. Sabe-se que o uso de moedas de cobre na China, era uma constante e já desde esses tempos, tinha características muito mais de confiança (fiduciária). Além disso, desde o terceiro século a.C., que os chineses já usavam o sapeca (sapecou cash), peça de cobre furada ao meio, como unidade monetária. Um min, por sua vez, era o equivalente a mil sapecas. Mil moedas unidas por um fio metálico, cujo peso era seguramente superior a três quilos, o que dificultava sobremaneira o seu transporte. Por conta disso, no oitavo século d.C. já existia a moeda volante (Feigian), que eram bônus, algo como letras de câmbio, para representar as moedas dos comerciantes que confiavam seus capitais ao poder imperial que os emitia.



De qualquer forma, o dinheiro de papel, veio subverter esse sistema metálico, ao usar pedaços de papel com valores numéricos e textos que especificavam seus valores correspondentes em metais preciosos. Ainda que trouxesse em si, o pressuposto da confiança tinha uma garantia de direito centrada na confiabilidade inquestionável do seu emissor, normalmente o próprio tesouro do país específico, representado pelo seu chefe supremo; rei, imperador, presidente...

Somente em 1694, com a criação do banco da Inglaterra, é que o papel moeda seria efetivamente instituído em toda a Europa, e somente após a segunda guerra mundial é que os sistemas monetários ganharam as características atuais.



Ainda que pouco difundido, acredita-se que a invenção do papel moeda pelos chineses, remete a uma antiga moeda fictícia destinada ao culto dos mortos.

Trata-se de tradição milenar chinesa que ofertava bens aos mortos que não tiveram enterro descente ou ainda que não tivesse familiares na terra. Tais tradições remontam à época das moedas cauri (concha), usadas como objeto de troca à milhares de anos.

Com a invenção do papel, os chineses passaram a usá-los como uma representação dos valores monetários e queimá-los como oferendas às entidades do além. O além é o inferno, porém, para os orientais, o inferno não tinha a conotação ocidental e cristã de um local de intenso sofrimento, mas sim de passagem apenas. O dinheiro dos espíritos que era queimado se materializaria no além e serviria para os mortos custearem suas dívidas ou realizarem seus desejos.

Foi a partir da década de 1960, por conta das emigrações dos chineses para as diversas partes do mundo, que os bilhetes de oferenda passaram a serem impressos com características ocidentais, imitando, sobretudo o dólar americano.

Devem existir hoje, seguramente, mais de mil tipos de cédulas de oferenda do banco do inferno. Nelas é comum a presença do imperador Jade (senhor dos céus, do homem e do inferno, no taoísmo.)

Ainda que o culto dos mortos remonte à milênios, há uma lenda que cita o imperador Tai Zong, como o matador do rei dragão. Para aplacar sua fúria, Zong lhe oferecia oferendas.

Essa antiga tradição oriental, também chamado de festival dos fantasmas famintos, acontece no sétimo mês do calendário lunar, (quase sempre agosto). As festividades duram 29 dias e ainda que sejam tradicionalmente chinesas, é em Penang, na Malásia que o evento ganha ares de espetáculo grandioso.



Ainda que para nós isso possa parecer uma espécie de sacrilégio, é importante lembrar que tais tradições são originárias do budismo e do taoísmo.

As cédulas do inferno, mesmo que fictícias ou sem valor comercial, podem fazer parte de um acervo numismático a título de curiosidade ou variantes. Ainda que indiretamente, ajudam a contar a história da numismática mundial.

Bibliografia:

1. Revista Incrível
2. Sterling Numismática
3. Morte Súbita Inc.
4. Wikipédia

Aluisio Queiroga - AFNB

O máximo postal apresentado neste artigo tem como suporte o cartão-postal nomeado “Arcos da Lapa (1750), antigo centro da boemia carioca – Rio de Janeiro/RJ”, edição de Rodolpho Machado, cod. 028. O selo utilizado (arte de Tina Velho) pertence à emissão dos Correios intitulada “Bairro da Lapa - RJ”, de 19.02.2004, e, mostra, ao fundo, os Arcos da Lapa em noite de luar. O carimbo, da cidade do Rio de Janeiro/RJ, com data de 19.02.2004, é alusivo à emissão. Observe-se que, a imagem/ilustração dos Arcos da Lapa aparece no cartão-postal, no selo e no carimbo, permitindo, assim, uma concordância visual entre os três elementos que compõem o máximo postal.

No início do século XVII, por determinação de Martim Correia de Sá, governador da Capitania do Rio de Janeiro (1602-1608), foram realizados os primeiros estudos para resolver o problema da falta d'água que assolava a população da cidade do Rio de Janeiro. Contudo, somente em 1671, deu-se início à construção de um aqueduto, conhecido como Aqueduto da Carioca, que trazia as águas das nascentes do rio Carioca, até o Campo de Santo Antônio (atual Largo da Carioca). O aqueduto demorou mais de 50 anos para ser concluído.

O escritor Laurentino Gomes registra no livro “Escravidão”, de sua autoria, que as obras do aqueduto foram iniciadas pelos escravos indígenas alugados pelos jesuítas, e, que a longa espera para o término da construção

ocorreu “devido à escassez de índios para o serviço e às exigências dos jesuítas, que cobravam caro pelo aluguel da mão de obra cativa. Irritado com os atrasos, o governador Silveira e Albuquerque decidiu comprar africanos e alugar negros de proprietários locais e, desse modo, concluir as obras”¹. Silveira e Albuquerque foi o governador das capitanias reunidas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais no período de 1702 a 1705.

As obras de construção do aqueduto ganharam impulso em 1706, no governo de Dom Fernando Martins Mascarenhas Lancastro (1705-1709), graças ao trabalho braçal dos escravos. Em 1718, sob o governo de Antônio de Brito Freire de Menezes (1717-1719), iniciaram-se as obras de instalação dos canos de água através da antiga Rua dos Barbonos, atual Rua Evaristo da Veiga. Finalmente, no governo de Aires de Saldanha (1719-1723), ficou pronto o Aqueduto da Carioca, também conhecido como Arcos Velhos, construção monumental composta por duas ordens de arcos plenos que se estendiam entres os morros de Santa Teresa e o de Santo Antonio. O primeiro chafariz, inaugurado em 1723, foi adquirido em Lisboa e era aparelhado com dezesseis bicos ornamentais de bronze, contendo no topo, um brasão das armas de Portugal. O chafariz foi reconstruído na década de 1830 e durou até 1926 quando foi demolido.

No ano de 1727 o problema da falta d'água voltou a aparecer. Identificou-



-se que tal situação ocorria devido à quebra dos canos condutores de água, em ações de vandalismo praticadas pelos quilombolas (escravos fugitivos que viviam ocultos nas matas). Em 1744, o governador Gomes Freire de Andrade, conhecido como Conde de Bobadella, que governou o Rio de Janeiro por quase 30 anos (1733-1762), determinou a reconstrução do Aqüeduto da Carioca, dando origem aos atuais Arcos da Lapa. Na obra de reconstrução foram utilizadas pedras brasileiras, devido ao elevado custo do material vindo de Portugal. A pedra e o cal tornaram-se as matérias-primas mais usadas para reerguer o aqüeduto, eis que, misturadas ao óleo de baleia produziam uma liga de concreto extremamente resistente. Esse composto era a principal base da construção civil, à época, largamente utilizado em todo o país nas obras de fortes, igrejas e outras edificações robustas. Os canos de ferro, sujeitos à rápida deterioração devido às corrosões, deixaram de ser utilizados, e, em maio de 1747, um decreto do Go-

verno determinou que as águas fossem cobertas por abóbadas de tijolos, para evitar desvios ilegais.

O novo aqüeduto foi inaugurado em 1750, ainda no governo de Gomes Freire de Andrade. Mais tarde, a distribuição da água foi estendida pela Rua do Cano (atual Rua Sete de Setembro) até o Largo do Paço (atual Praça 15 de Novembro), permitindo o abastecimento de água às embarcações ali ancoradas. A obra do novo aqüeduto, ligando o antigo Morro do Desterro (atual Morro de Santa Teresa) ao Morro de Santo Antônio (parcialmente demolido em 1954), é considerada a obra arquitetônica mais notável do Brasil no período colonial - uma construção de alvenaria com dupla arcada, em estilo românico, composta por 42 arcos duplos, medindo 270 m de comprimento por 17,6 m de altura.

Durante muito tempo a cidade do Rio de Janeiro foi abastecida por água vinda de fontes e chafarizes. A cidade tinha a maior população de escravos urbanos das Américas na primeira

metade do século XIX, e, um número significativo dessa força de trabalho era utilizada para transportar água e lavar roupas. A historiadora norte-americana Alida Metcalf esclarece no seu artigo intitulado “Água e espaço social: usando mapas georreferenciados e imagens geocodificadas para aprimorar a história das fontes do Rio de Janeiro” (citado por Leonardo Fernandes e Marcos Botelho Jr na publicação “Os mapas e o tempo”) que “a cidade foi amplamente abastecida com água através desse único aqueduto até o início do século XIX. As fontes públicas eram vitais para o Rio, não só de um ponto de vista utilitário, mas também social e político. Projetadas para serem esteticamente agradáveis, as grandes fontes ficavam em praças ou ao longo das ruas, e ao redor delas foi criado um espaço público. Se a limitada infraestrutura de água da cidade tinha uma vantagem, era dar aos escravos e aos negros livres um lugar onde poderiam se reunir, apesar de seu trabalho ser duro e longo”².

Na segunda metade do século XIX, durante o Império e, posteriormente, diante do advento da República, novas alternativas para o abastecimento de água aos moradores da cidade já estavam sendo utilizadas. A rede de abastecimento de água avançou e o aqueduto tornou-se desnecessário. A partir de 1896, o aqueduto conectou-se ao sistema público de bondinhos e passou a ser utilizado como viaduto para os novos bondes administrados pela Companhia Ferro-Carril de Santa Teresa, principal meio de ligação entre o centro da cidade e o bairro de Santa Teresa, última linha de bondes ainda ativa no Rio de Janeiro. Importantes obras de restauração possibilitaram a sobrevivência desse pitoresco meio de

transporte, tornando possível, ainda hoje, passear de bonde sobre os trilhos dos Arcos, refazendo o histórico percurso pelo bairro³.

Administrado pelo poder público, nos dias de hoje, os Arcos da Lapa, servem de pano de fundo para diversos eventos turísticos e religiosos, entre os quais as encenações da Paixão de Cristo e o Auto de Natal. Localizados na atual Praça Cardeal Câmara, parte da Zona Central do Rio de Janeiro, os Arcos constituem a porta de entrada para o bairro boêmio da Lapa. É, praticamente, impossível passar pela Lapa e não notar os Arcos, cuja imagem, símbolo da boemia do Rio de Janeiro, está ligada à memória dos cariocas e dos turistas brasileiros e estrangeiros que por ali transitam.

Bibliografia:

1. “Escravidão” – Gomes, Laurentino. Ed. Globo S.A. 2019, Volume I, pg. 128.
2. “Os mapas e o tempo” – Fernandes, Leonardo e Botelho Jr, Marcos – 2018. Disponível em comciencia.br
3. “Lembranças do Brasil – As Capitais Brasileiras nos Cartões-Postais e Álbuns de Lembranças” – Gerodetti, João Emilio e Cornejo, Carlos. Solaris Edições Culturais. São Paulo, 2004, pg. 23.
4. “O Bairro da Lapa”, Revista Correio Filatélico, Ano 26, Nº 193, pg. 37, 2004, Ed. Correios.
5. Máximo postal do acervo do autor.

Endereços virtuais acessados:

1. [Wikipedia.com](https://pt.wikipedia.org/wiki/Aqueduto_dos_Arcos_da_Lapa)
2. diariodorio.com
3. [freewalkertoursarcos-da-lapa.](http://freewalkertoursarcos-da-lapa.com)
4. diraiodeumacariocario.com

O “MENINO AZUL” DE ALEXANDRIA

Jorge Lara — AFNB

O Menino Azul de Alexandria (Alexandria Blue Boy) é um selo muito raro. Leva o nome do recurso que o torna único: sua cor. Um dos poucos selos sobreviventes de uma edição rara — os Provisórios dos Correios produzidos em Alexandria, DC, a partir de 1846, dos quais apenas sete são conhecidos — o Blue Boy é o único exemplo impresso em papel azul (os outros são em cores claras). Postalmente usado, o Blue Boy permanece afixado em seu envelope original, que foi vendido pela última vez em 2019 e ainda detém o recorde de maior valor pago por uma peça da filatelia dos Estados Unidos.



Alexandria foi uma das onze cidades norte-americanas que produziram selos para oferecer aos clientes um meio conveniente de pagar suas correspondências, antes dos Estados Unidos introduzirem selos postais nacionais em 1º de julho de 1847. Embora o uso de selos provisórios tenha sido oficialmente proibido após a introdução do sistema nacional de selos, continuou esporadicamente, inclusive no caso do Blue Boy.

Os selos provisórios de Alexandria foram produzidos sob os auspícios do chefe dos correios da cidade, Daniel

Bryan. Embora não esteja documentado quem forneceu os selos, os especialistas ham provável que tenham sido fabricados com o equipamento de um jornal que ficava perto da agência dos correios, o Alexandria Gazette. Os selos provisórios foram impressos em pares a partir de um formulário tipográfico que produziu duas imagens não idênticas, classificadas por especialistas filatélicos como Tipo I e Tipo II. O Blue Boy é um dos quatro selos sobreviventes do Tipo I; apenas três exemplos do Tipo II são conhecidos. Ambos os tipos estão em conformidade com o mesmo design circular geral, que apresenta uma borda externa de rosetas ao redor de um anel menor de texto: “ALEXANDRIA * POST OFFICE. *”; e, no centro do selo, a palavra horizontal “PAID” com o número “5” abaixo. No entanto, enquanto o Tipo I possui quarenta rosetas, apenas trinta e nove aparecem no Tipo II - que, além disso, difere do Tipo I no espaçamento entre letras e asteriscos. A produção ‘duas de cada vez’ dos provisórios indica que pelo menos um Blue Boy Tipo II deve ter existido.



Alexandria Blue Boy

Em 1981, um colecionador alemão o adquiriu através do revendedor David Feldman por um milhão de dólares. Sua última venda registrada ocorreu em 2019, quando alcançou US\$ 1,18 milhão.



James Wallace Hooff

O valor e a singularidade estatística não são os únicos fatores que fizeram do Blue Boy uma lenda. Uma história de amor também entra em jogo. Em 1847 um jovem americano de 24 anos, James Wallace Hooff, enviou desde a cidade de Alexandria uma carta a sua prima em segundo grau, Janette H. Brown, que morava em Richmond, no estado de Virginia. As dificuldades que o relacionamento deles enfrentava, contra os desejos da família, pois eram primos e pelo fato de que ele era presbiteriano e ela episcopal, foi motivo para que a carta levasse a inscrição “queime como de costume”. James e Janette tiveram que esperar quase seis anos antes de poderem se casar, em 17 de fevereiro

de 1853. Em algum momento, Janette colocou a carta em uma caixa de costura, e ficou guardada até 1907, quando a sua filha, Mary Goulding Fawcett, a encontrou. Mary guardou a carta, mas pensou que o envelope com o selo circular em papel azul poderia valer algo e terminou vendendo para um colecionador que pagou US\$ 3.000.



Janette H. Brown

Dado que o Blue Boy foi emitido de maneira provisória e local — e não regular e nacional —, há espaço para discordâncias sobre se merece ou não uma colocação na categoria de elite de selos únicos ao lado do Treskilling Yellow da Suécia e do One Cent Magenta da Guiana Britânica.

Sítios consultados:

1. Wikipédia
2. Linn's
3. Just Collecting News
4. Mintage World

960 REIS E SEUS RECUNHOS

Paulo Abreu MNM Numismática - AFNB

OA História de uma das mais fascinantes moedas da numismática mundial começa em 1806 com a decretação do Bloqueio Continental por Napoleão Bonaparte.

O Regente de Portugal, D. João (que posteriormente se tornaria o Rei D. João VI) decide não cumprir o bloqueio, e às vésperas da invasão de Lisboa pelas tropas napoleônicas, embarca a corte (29 de novembro de 1807), parte da nobreza portuguesa, e muda a sede do império português para o Brasil.

A Comitativa Real composta por mais de 6000 pessoas, aporta no dia 22 de janeiro de 1808 a Salvador da Bahia, e em seguida prossegue para o Rio de Janeiro, onde chega no dia 08 de março do mesmo ano, e que se torna a capital do Império.

Nesta altura circulavam oficialmente no Brasil as seguintes moedas de prata: 80, 160, 320 e 640 Reis:



Moedas de prata de 80, 160, 320 e 640 réis do período colonial do Brasil

Para além das moedas oficiais, também circulava extraoficialmente no

Brasil as moedas de 8 Reales espanhóis, que normalmente circulavam pelo valor de 750 Reis.



8 reales de 1810 Ferdin VII

Devido à alta circulação destas moedas no território Brasileiro, principalmente no território de Minas Gerais, é publicado o Aviso de 9 de novembro de 1808, que proíbe a circulação das moedas de 8 reales na capitania de Minas, obrigando a recolher as mesmas para que fosse aplicado um carimbo bifacial para elevação do seu valor para 960 Reis. Este Carimbo é conhecido como Carimbo de Minas.



Carimbo de Minas (960 réis), aplicado sobre 8 reales 1808 México TH

O Carimbo de Minas foi aplicado de novembro de 1808 a dezembro de 1809, ou seja, durante apenas 13 meses, o que explica o seu relativo grau de raridade.

No final de 1809, talvez por não gostar de ver o busto de um soberano

espanhol nas moedas do Brasil, D. João ordena que em vez de um simples carimbo, todas as moedas de 8 reales fossem totalmente recunhadas.



Ensaio de 960 réis de 1809



Anverso e Reverso da moeda base de 8 reales de 1810 Sevilha CJ e do 960 réis de 1816 da Bahia

Assim, e durante aproximadamente 25 anos, é (re)cunhada uma das moedas mais enigmáticas e mais fascinantes da numária mundial. A conjugação da moeda base com a moeda de 960 réis, é conhecida como a Coleção de 960 Reis por Recunhos.

ANO	ACIONTECIMENTO
1808	Chegada da família real ao Brasil
1808 e 1809	Carimbo Minas
1816	Reino Unido. Mudança de cunhos nos 960 réis - 1818
1822	Independência do Brasil (D. Pedro I)
1823	Mudança de cunhos
1827	Final da (re)cunhagem de 960 réis
1831	D. Pedro II assume o trono
1832 a 1834	Cunhagem de 960 réis em disco próprio



Evolução dos anversos de 960 réis do Brasil Colonial ao Império do Brasil

Notas sobre os recunhos de 960 réis

1. Estima-se que, dos 25 milhões (aprox.) cunhados, hoje existam aprox. 1% (250 mil);
2. Mais de 95% foram recunhados sobre 8 Reales Espanhóis.
3. Dos 8 Reales recunhados aproximadamente 75% são 8 Reales Coloniais, e 25% em 8 Reales Metropolitanos;
4. Existem também 960 Reis recunhados sobre outras moedas (Chile Independente, Dólar Americano, Thaler Áustria, Peru Libre, Republica Mexicana, Sol Argentino, etc.).

A coleção dos 960 réis por recunhos

Numa coleção de recunhos existem três fatores que têm que ser identificados na moeda base.

Para identificar uma moeda base de um 960 Reis, o observador deve identificar a sua orientação, tentando se focar somente na moeda base. A primeira coisa a ser identificada na moeda base deve ser a cruz da coroa do 8 reales, que normalmente se encontra extremamente visível nos 960 réis.

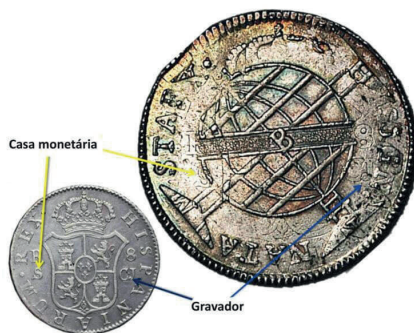


Identificação da data e da cruz da coroa das moedas base mais comuns dos 960 réis

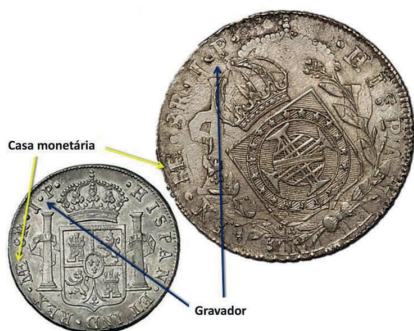
8 reales espanhóis COLONIAIS



Exemplo de moeda de 8 reales espanhol colonial: 8 reales de 1799 do México, Caroulus IIIII



Identificação da casa monetária e gravador de base em 8 reales metropolitano



Identificação da casa monetária e gravador de base em 8 reales colonial

8 reales espanhóis METROPOLITANOS



Exemplo de moeda de 8 reales metropolitano: 8 reales de 1813 de Madrid, Ferdinandus VII

Monogramas de oficinas monetárias coloniais



Monogramas de oficinas monetárias metropolitanas



Terminologias

Data sobre data

Quando a Data do 960 Reis é Igual à Moeda Base. Exemplo: 960 Reis 1816 Bahia, cunhado sobre 8 Reales de 1816 de Lima-Peru.

Anverso sobre reverso

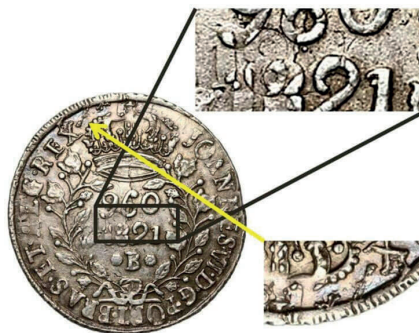
Anverso do 960 Réis cunhado sobre o Reverso da Moeda Base (8R). Escasso nas moedas do RIO e muito raro nas moedas da BAHIA.

Disco próprio

Quando o 960 Reis é cunhado em disco virgem.

Re-recunho

Quando o 960 Reis é Cunhado em moeda já RECUNHADA. Ou seja, são 3 moedas numa só. Não confundir RE-RECUNHO com DATA EMENDADA ou DUPLA BATIDA ➡➡



Re-RECUNHO: 960 réis 1821 Bahia, cunhado sobre 960 réis de 1820 Bahia que por sua vez está recunhado sobre um 8 Reales de 1795 de lima.

Considerações finais

1. As Moedas de 960 Reis, são hoje colecionadas no mundo inteiro.
2. A Coleção por recunhos de 960 Reis é uma das mais espetaculares e fascinantes da numismática mundial
3. Para um colecionador de recunhos, a visibilidade da moeda base é mais importante que o estado de conservação do 960 Reis.
4. Moedas com visibilidade total da moeda base, sem auxílio de lupa/lente, são extremamente Raras.
5. Ser colecionador de recunhos, exige estudo e investigação permanente.
6. Os 960 Reis são moedas extremamente difíceis de serem falsificadas.

Artigo originalmente publicado na Revista Numismática Brasileira (RNB), volume XXIII, nº 1-2, 2019 (dezembro/2019) - ISSN 2675-0155.

Imagens: www.ha.com, www.numisma.com, www.spink.com, www.numista.com, acervo do autor.

Outras moedas usadas como base de 960 réis



O CARTÃO-POSTAL DE THASLER

Jorge Lara - AFNB



O zepelim alemão Hindenburg fez sessenta e três voos, incluindo dez viagens de ida e volta para os Estados Unidos em 1936. Ele sofreu uma tragédia em 6 de maio de 1937. Tentando pousar em Lakehurst, Nova Jersey, o dirigível gigante explodiu em chamas perto do mastro de atracação.

Em apenas trinta e dois segundos, o zepelim estava em ruínas fumegantes. Surpreendentemente, quase dois terços dos passageiros e da tripulação sobreviveram (trinta e cinco pessoas a bordo morreram, mais um membro da tripulação de terra; sessenta e duas sobreviveram). O zepelim tinha o comprimento de quase três campos de futebol de ponta a ponta. A causa do desastre nunca foi determinada. No entanto, a teoria predominante é

que uma descarga de eletricidade da tempestade naquela noite acendeu um vazamento de hidrogênio. A sabotagem foi descartada como uma possibilidade devido à falta de evidências de qualquer tipo.

O cartão-postal tratado nesse artigo foi escrito pelo mecânico de motores do Hindenburg, Albert Thasler, que frequentemente enviava correspondência para si e para seus familiares. Thasler estava doente e não conseguiu se juntar ao último voo do Hindenburg, e entregou várias correspondências - pelo menos nove cartões e três cartas - ao amigo e colega Robert Moser, mecânico do Hindenburg.

Moser entregou os itens ao oficial de navegação Max Zabel - que também atuava como carteiro do Hindenburg - durante o voo para

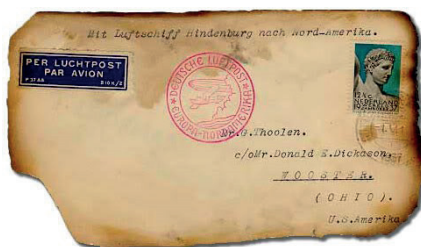
a América. Zabel planejava cancelar os itens durante o voo de volta à Alemanha e os guardou nos correios do Hindenburg, onde foram encontrados mais tarde entre os destroços. Moser estava em uma das salas de engenharia do Hindenburg nas profundezas do dirigível no momento do acidente e morreu.

Os funcionários dos correios recuperaram aproximadamente 358 das 17.609 peças estimadas de correspondência no voo.



Desses, 176 itens recuperados não foram queimados (com algumas exceções) porque foram armazenados em uma bolsa selada e protetora que aguardava o serviço postal no voo de

retorno e, posteriormente, receberam um carimbo postal de *paquebot*.



Existem diversas outras variedades de correspondência de Hindenburg no voo final, incluindo cartas enviadas para a cidade de Colônia na Alemanha, cartas postadas a bordo (dois tipos de cancelamento) por passageiros e tripulação, cartas transmitidas de outros países (Danzig, Holanda, Áustria e Suíça), correspondência encontrada nos destroços após a saída dos inspetores postais e correspondência destinada ao voo de volta.

As peças carbonizadas, mas ainda legíveis, estão entre os artefatos filatélicos mais valiosos do mundo.



Sites consultados:

1. Smithsonian
2. Airships Net
3. National Postal Museum
4. Scouts On Stamps Society International
5. H-Postal-History

PERFIL - DR. ODÍLIO LUIZ DA SILVA †

Texto e reportagem: Demerval F. Dantas

Numa agradável tarde outonal de abril de 2019, um dos filiados mais antigos da Associação Filatélica e Numismática de Brasília (AFNB), Dr. Odílio Luiz da Silva, recebeu em sua residência, na QI 2 do Lago Norte, alguns representantes da atual diretoria para contar um pouco de sua história de vida, sua relação com o colecionismo e apresentar o seu acervo.

A partir desta edição de nosso boletim, estamos estreando uma série de reportagens cuja proposta é homenagear os nossos associados apresentando o perfil de cada um e suas respectivas coleções, sempre com ênfase em sua ligação com a arte do multicoleccionismo. Dr. Odílio é o primeiro dessa galeria de colecionadores ilustres, alvo de nossa reverência e apreço.

Perfil

Odílio Luiz da Silva, carioca nascido no Bairro de Catumbi, Zona Central do Rio de Janeiro, no dia 25 de janeiro de 1929. Flamenguista de coração, apreciador de música clássica e samba, é torcedor do Império Serrano, cujo samba vencedor do carnaval de 1949, de nome Exaltação a Tiradentes, que deu o título de bicampeã à escola naquele ano, ele cantarolou com um discreto sorriso. Médico graduado pela Faculdade Nacional de Medicina (FNM), da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), é professor aposentado da disciplina Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina

da Universidade de Brasília (UnB). É viúvo, pai de um casal de filhos bem-sucedidos profissionalmente e possui duas paixões: a medicina e a arte de colecionar selos.

Nasce um colecionador

Dr. Odílio revelou que seu interesse pelo colecionismo surgiu bem cedo na sua vida no início da década de 40 no Rio de Janeiro. “Vivi minha adolescência, na Esplanada, área residencial próxima ao centro do Rio, onde se localizava o morro do Castelo (que foi demolido em 1922 durante uma reforma urbanística). Naquela época, eu frequentava a Associação Cristã dos Moços (ACM) do Rio de Janeiro. Lá, tudo era muito organizado, inclusive as atividades eram ministradas observando a faixa etária dos frequentadores. Tinha um funcionário do Banco do Brasil, cujo nome era Ariclemes, se não me engano, que divulgava a arte de filatelia por intermédio de aulas. Durante esses encontros, ele distribuía selos e, dias depois, promovia concursos. Eu ganhei muitos selos nesses certames e venci muitos eventos”.

“Em 1943, quando tinha 14 anos, eu passei a frequentar, também, a Associação Médica do RJ, que ficava perto da ACM e em frente ao antigo edifício-sede do Ministério da Educação no centro do Rio. Naquele ano, foi lançado o selo Olho de boi. Nesse mesmo ano, eu participei de um concurso cujo título era Congressos e conferências. Eu ganhei em primeiro lugar e tenho comigo a medalha”, revela, orgulhoso,

o nosso homenageado. Eram apenas as primeiras vitórias de uma trajetória cheia de conquistas que vão moldar a vida do nosso companheiro.

Vida acadêmica

Depois das primeiras incursões no universo do colecionismo, nosso personagem abandona, temporariamente, a prática para focar a sua atenção no projeto de cursar medicina. “A partir daquela época, já com 17 anos, passei a concentrar minha atenção nos meus estudos no Colégio Pedro II, uma referência pelo elevado padrão de ensino no Brasil na época, “e, como precisava me preparar para o vestibular de medicina, acabei me afastando da filatelia. Terminei o ensino clássico (antigo ensino médio) com 17 anos e com 18, ingressei na Faculdade Nacional de Medicina (FNM), da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). Isso em 1947. Em 1952, concluí o Curso de Medicina”.

Brasília – nova fase de sua vida

Odílio Luiz da Silva, médico especializado em Ortopedia e Traumatologia, chegou a Brasília em 1967 com a missão de lecionar no Departamento de Medicina da Universidade de Brasília (UnB). Dar aula sempre fascinou o nosso personagem, inclusive, na nossa conversa, ele nos revela uma predileção maior pelo ensino da medicina do que pelo exercício da atividade clínica.

Fazendo um salto na linha do tempo, em 1970, um dia Dr. Odílio encontrou um ex-aluno, que, também, praticava a Filatelia, que lhe falou a respeito das reuniões que ocorriam na sobreloja da Bibabô. Nessa sala, funcionava uma associação que seria a precursora da AFNB, onde se reuniam, aos



sábados, apreciadores do colecionismo para troca de selos e de informações a respeito da prática filatélica. Nesse espaço, durante um bom tempo, Dr. Odílio conheceu muita gente e construiu uma vasta rede de grandes amizades que se conservam até os dias de hoje. “Criei muitas amizades, conheci outros colecionadores, entre eles o Marcelo Studart, que resgatou a minha antiga paixão pelo colecionismo. Com o passar do tempo, aqueles encontros acabaram”, desabafa, com certo saudosismo, o novo homenageado.

Dr. Odílio e a AFNB

Após o período dos encontros na sede da antiga associação de filatelistas na W3-Sul, houve um afastamento das atividades associativas da prática de colecionismo. Porém, por volta de 2011. “Eu estava comprando selos e acabei encontrando Aluísio Queiroga, ex-aluno que tinha sido nosso residente na Universidade Integrada de Saúde de Sobradinho.

Ele me reconheceu e me convidou para conhecer a AFNB. A partir daí me filiei à AFNB e me tornei sócio efetivo registrado sob o número SE – 1.262”.

“Nos últimos dois anos, devido às dificuldades da idade e à falta de acessibilidade para alguém com problemas de locomoção para acessar a sede da AFNB no shopping Brasília Rádio Center, acabei me afastando das reuniões”, justifica a sua ausência nas reuniões presenciais.



Coleção

Porém, hoje, recordando o seu início na arte de colecionar selos, lembra que tomou muitas decisões precipitadas. “Fiz muita besteira. Eu cismava que tinha que comprar tudo. Se era uma publicação de 31 estados, eu comprava tudo”, desabafa.

O nosso personagem possui uma biblioteca com 5.000 obras. A sua coleção de selos é setorizada por temas históricos, a exemplo dos 200 anos da Chegada da Família Real ao Brasil e de natureza diversa, efemérides (datas históricas), turismo, esportes, mãos, corridas, basquetebol, vôlei (esportes) entre outros. Essa coleção é constituída de 48 temas. Ele tem selos de aviões, envelopes, mãos etc. O seu acervo é composto

por, aproximadamente, 300 mil selos. Ao longo de sua vida, Dr. Odílio publicou 28 livros com temáticas relacionadas a medicina.

A respeito da metodologia que utiliza para organizar as suas coleções, Dr. Odílio revela: “Os selos comemorativos, de 1900 até 2017, eu organizava de forma não setorizada, mas por ordem cronológica (ano de produção e lançamento). Recentemente, decidi organizar a minha coleção, de modo que

todos os meus selos estão organizados de forma setorizada. Então, hoje, eu tenho 48 blocos. Também me interessei pela mão. A partir daí, montei uma coleção de 5 volumes de selos de mão”.

Avaliando a sua vida hoje, Dr. Odílio confessa que são essas coisas que me distraem hoje”, se referindo ao seu hobby de colecionar selos. “Por que viver numa casa desta,

deste tamanho, olhando o Sol e vendo a vida passar... Hoje, eu vivo no selo. Me distraio muito, muito mesmo. Hoje de manhã, acordei às 6 horas para montar um outro bloco de selos”.

Entretanto, hoje, recordando o seu início na arte de colecionar selos, ele lembra que tomou muitas decisões precipitadas. “Fiz muita besteira. Eu cismava que tinha que comprar tudo. Se era uma publicação de 31 estados, eu comprava tudo”.

Aos novos colecionadores, Dr. Odílio manda um recado: Não faça tudo de uma só vez. Não queira montar uma coleção perfeita. Escolha um tema e se dedique àquilo, que sai bem melhor do eu fiz”.

Acerca do futuro da filatelia, o nosso mestre, do alto de seus 91 anos, vê um cenário incerto: “Hoje em dia, restam apenas alguns adeptos da filatelia, que a gente nem conhece mais. Nós não temos mais o grupo que frequentava a sala em cima da Bibabô. Hoje, somos um grupo pequeno. Estamos lutando, acompanhando as mudanças no mundo, para preservar essa arte. Não se escreve mais cartas. A comunicação é toda feita por e-mail. Essa tendência cresce assustadoramente”.

A respeito do futuro da filatelia, “eu não sei qual será o futuro da filatelia. A não ser que esse meio mude para estudo de certas coisas, dentro de um projeto para divulgar feitos e invenções novas (tudo que surgir no mercado como novidade) no campo da medicina e de tudo que for novo, porque praticamente não existem mais selos. Os Correios diminuíram muito o lançamento de selos. Outro detalhe: Eu não vejo por parte das crianças de hoje interesse por colecionar selos e o colecionismo de selos começa na infância”.

No que diz respeito à importância do colecionismo para os jovens, Dr. Odílio destaca que essa arte é um instrumento importante para a formação educacional do jovem. “A filatelia mexia com as forças associadas à educação. No meu caso, era já era aluno do Colégio Pedro II, e com a filatelia a minha experiência, como estudante secundarista, me ajudou bastante na vida escolar. A filatelia favorece muito a formação do adolescente/jovem que se inicia nessa prática”.

Para os iniciantes na arte de colecionar selos, ele aconselha a frequência em ambiente de filatelia para que possa conhecer o que é um selo e como se apresenta uma coleção. Ele ressalva que estão faltando, tanto no DF, como

no Rio de Janeiro, pessoas que ensinam essa prática. A esses novos colecionadores, Dr. Odílio manda um recado: “Não faça tudo de uma só vez. Não queira montar uma coleção perfeita. Escolha um tema e se dedique àquilo, que sai bem melhor do eu fiz”.

Dr. Odílio revela que, na sua vida, teve momentos de grande contentamento e de alegria. Um deles foi quando fez concurso para professor no Rio de Janeiro.

Na leitura de sua tese, o catedrático máximo da UFRJ me exaltou tremendamente”. Outra situação foi na Suécia. Como bolsista do CNPq, foi estagiar na Clínica de Ortopedia, do Hospital Universitário Sahlgrenska, da Universidade de Göteborg, na Suécia, em 1966. “Fui estudar a Biomecânica. Acabei, ficando lá um ano e meio. No final do estágio, apresentei o Relatório de minha pesquisa e o professor supervisor do estágio me convidou para ser professor da Universidade de Göteborg. Eu chorei de emoção ao ouvir dele que a universidade estava de portas abertas para mim. Eu não aceitei o convite, porque iria ficar longe dos meus filhos, que continuariam morando no Brasil”, lamenta.

Para concluir a nossa visita, Dr. Odílio nos apresentou, minuciosamente, as medalhas, os diplomas, revelando a história de cada uma dessas comendas. Na sequência, nos apresentou a sua biblioteca composta de 5.000 títulos e o seu organizado acervo filatélico, que é a menina dos olhos de sua paixão maior, a filatelia. Tudo isso fruto de quase 70 anos de atuação como profissional da saúde e como colecionador. Em seguida, Dr. Odílio agradeceu a visita de nossa equipe e se manifestou orgulhoso e lisonjeado pela homenagem prestada pela nossa entidade.

MAIORES VALORES DE FACE BILHETE DE LOTERIA E CÉDULA BRASILEIRA

Lengruber Damasceno - AFNB

Ano de 1993, o Brasil convivia com uma grave instabilidade financeira, os índices oficiais de inflação alcançaram os incríveis 2.477,146% de taxa anual. A hiperinflação era tão voraz que tínhamos em circulação uma moeda de valor de cinco mil cruzeiros (Cr\$ 5.000,00) e uma nota de meio milhão de cruzeiros (Cr\$ 500.000,00).



Coincidentemente neste período tivemos dois sorteios lotéricos com extrações consideradas históricas por estampar o maior valor de premiação da história da loteria no Brasil.

Os bilhetes que tiveram esse marco foram os sorteios especiais de “São João” e da “Independência”, da Loteria Federal do Brasil, datados respectivamente de 26 de junho e

11 de setembro, com o valor de premiação na unidade de bilhão - Cr\$ 6.000.000.000,00 (seis bilhões de cruzeiros).



Em primeiro de agosto de 1993, com o propósito de interromper a desenfreada evolução inflacionária, novo pacote financeiro foi baixado abrangendo, dentre várias medidas, a substituição do padrão monetário de “cruzeiro” para “cruzeiro real”. Com a aplicação desse novo padrão foram cortados três zeros, mil cruzeiros passaram a valer um cruzeiro de real (Cr\$1.000,00 = CR\$ 1,00)



Instagram
afnb.bsb

